



Recepção televisiva no Amazonas: entre o acesso a informação e a afirmação de valores conservadores¹

Pablo ABREU²

Bruno FUSER³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados iniciais de uma pesquisa sobre a recepção televisiva em comunidades ribeirinhas das Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã, no Amazonas. A partir da análise de entrevistas entre ribeirinhos, identifica e discute as preferências e os valores presentes, segundo eles, na programação televisiva. Os resultados mostraram, entre outras questões, a preferência dos moradores dessas comunidades pelo telejornal, motivados pelo desejo da busca por informação, e intensas críticas à influência das novelas, por causa de valores a seu ver por elas transmitidos, como violência, sexualismo, infidelidade conjugal, preconceitos. Apoio: CNPq.

PALAVRAS CHAVE

Recepção televisiva; Comunicação; Desenvolvimento sustentável; Amazônia

1 Introdução

Este artigo apresenta as análises iniciais da pesquisa “Comunicação e recepção televisiva: análise do fluxo televisivo em comunidades ribeirinhas das Reservas de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Mamirauá e Amanã, AM”. A pesquisa, que possui apoio do CNPq, está voltada para o estudo da recepção televisiva em quatro comunidades ribeirinhas dessa região da Amazônia. São elas: Canariá, Boca do Mamirauá, Boa Esperança e Nova Olinda.⁴

A coleta de dados da pesquisa seguiu duas estratégias: 30 entrevistas semi-estruturadas, com a média de 50 minutos cada, e 63 questionários, com 32 perguntas, algumas delas abertas. Esse trabalho foi realizado no período de 2 a 15 de agosto de 2010 nas quatro comunidades citadas anteriormente. No entanto, este artigo refere-se a uma interpretação ainda parcial, baseada na análise de 10 das 30 entrevistas, constituindo-se, portanto, em uma primeira aproximação em termos de interpretação e reflexão, que deve ser assim considerada. Outra ressalva a ser feita é que a maior parte das entrevistas analisadas foram realizadas no Canariá, o que, evidentemente, faz com que toda a interpretação tenha uma relação mais estreita com essa comunidade. Os próximos

¹Trabalho apresentado na Área Temática IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania - Intercom Júnior, do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

²Estudante do 6º período de Jornalismo, UFJF; bolsista PIBIC/CNPq; e-mail: abreu.pablo@hotmail.com.

³Orientador do trabalho. Professor adjunto da UFJF. E-mail: bruno.fuser@ufjf.edu.br

⁴A coordenação do projeto é feita pelo professor Bruno Fuser e pelo pesquisador Thiago Antonio de Sousa Figueiredo, do IDSM - Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Também participou da pesquisa a jornalista Camila Doretto, ex-pesquisadora do IDSM.



passos serão realizar nova análise interpretativa, já com as 30 entrevistas; efetuar a análise dos 63 questionários, com os dados de maneira geral e com o cruzamento de diversos deles; e, finalmente, tentar realizar uma interpretação que consiga abarcar, de maneira ampla e aberta, os dados quantitativos e qualitativos obtidos pela equipe.

Com o intuito de esclarecer melhor o leitor, este artigo foi dividido basicamente em três tópicos. O primeiro (De quem estamos falando) visa apresentar o morador das comunidades e o seu modo de vida. O segundo explicita a metodologia usada na pesquisa e breves dados sobre os entrevistados. O terceiro traz a análise dos dados, a preferência dos moradores acerca dos programas televisivos e os valores atribuídos aos mesmos programas. O último tópico busca, portanto, explicar como é recebido o conteúdo televisivo pelos ribeirinhos e quais as suas impressões sobre os mesmos.

2 De quem estamos falando

2.1 - RDS e Comunicação

As quatro comunidades estudadas estão inseridas em unidades de conservação e, portanto, são consideradas pelo poder público como áreas territoriais de prioridade na preservação dos recursos naturais e da biodiversidade local. São ainda definidas pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), Lei n. 9.985, como unidades de conservação da categoria de uso sustentável, tendo como premissa básica assegurar a preservação ambiental, garantindo condições e meios necessários para reprodução e melhoria dos modos e qualidades de vida das comunidades, associando a pesquisa como componente de conhecimento para embasar a gestão participativa (BRASIL, 2000).

As comunidades estudadas estão nas RDS Mimirauá (Boca do Mimirauá e Canariá) e Amanã (Boa Esperança e Nova Olinda). Nessas duas reservas estão localizadas 297 comunidades – 218 comunidades na RDS Mimirauá e 79, na RDS Amanã – e uma população com cerca de 15 mil moradores (FIGUEIREDO, 2009).

Uma das características das comunidades das reservas estudadas é que elas são de várzea, estão distante dos centros urbanos, o que dificulta o acesso a informação, saúde, comércio e outros serviços e direitos, além de conviverem com a sazonalidade dos rios. Apesar disso, a maioria dos moradores possui ou tem acesso a TVs ligadas a antenas parabólicas, que funcionam a partir da energia provida de um gerador (conhecido entre a população como o motor de luz) movido a combustível, que fica ligado basicamente das 16h às 22h, horário considerado “nobre” na audiência da



televisão brasileira. A presença relativamente recente da energia elétrica e da televisão nessas comunidades é fator essencial para a realização de estudos como este, voltados para a relação e a importância de novos hábitos e novas sociabilidades. Na maior parte do Brasil essa presença da televisão está consolidada há décadas.

Vale frisar que os trabalhos sobre comunicação na região Amazônica são reduzidos e restritos em sua maioria aos grandes centros urbanos onde estão localizadas as faculdades de Comunicação. As únicas pesquisas realizadas no Brasil, até alguns anos atrás, eram destinadas a conhecer apenas os índices de circulação dos periódicos, ou a audiência dos programas de rádio e televisão (DUARTE, 2005). Daí a necessidade de pesquisas como a que estamos desenvolvendo.

2.2 - O Caboclo

A referência ao termo caboclo geralmente evoca vários significados, muitas vezes relacionados a um estereótipo pejorativo para se referir a um grupo considerado inferior de algum modo. Mas historicamente o termo tem um significado mais amplo que abarca noções geográficas, descendências étnicas e relações sociais.

Considerando a dimensão geográfica, o caboclo é conhecido pelos brasileiros como um tipo característico da população rural da Amazônia, composto por uma miscigenação entre brancos e índios que vem desde a época colonial. A colonização da região, em contraste com a realizada no restante do país, tinha uma política de incentivo à integração dos índios, o que incluía escravizá-los, “civilizar” os mesmos e estimular casamentos mistos, pois a economia local dependia da mão de obra indígena.

Na região amazônica, o termo caboclo é também empregado para identificar pessoas que se encontram numa posição social inferior em relação àquela com quem o locutor ou a locutora se identifica. Nesse sentido o termo é aplicado a qualquer grupo social ou pessoa considerada mais rural, indígena ou rústica (LIMA, 2009).

É importante ressaltar que o termo refere-se a uma categoria social e não a um grupo social, ou seja, existe uma identificação comum entre os indivíduos, mas não necessariamente um relacionamento social em razão dessa similaridade.

O caboclo é uma categoria de classificação social empregada por estranhos, com base no reconhecimento de que a população rural amazônica compartilha um conjunto de atributos comuns. Mas esta não é uma categoria social homogênea nem absolutamente distintiva [...]. Ao contrário, o termo *caboclo* deve ser entendido como uma categoria geral de referência e identificação (LIMA, 1999, p.4).



Essa identificação acontece através de fatores econômicos, políticos e culturais. O termo caboclo refere-se aos pequenos produtores da Amazônia que sobrevivem da exploração dos recursos da floresta, compartilham hábitos alimentares, métodos de pesca e agricultura e têm o mesmo padrão de moradias.

A miscigenação na Amazônia tornou-se ainda maior no início do século XX, momento em que a região recebeu muitos migrantes, principalmente nordestinos, que vieram para a floresta em busca de trabalho na exploração da borracha. Hoje é vaga a distinção entre os caboclos representantes da miscigenação inicial entre brancos e índios e os descendentes em segunda e terceira geração de migrantes nordestinos. Ou seja, esses dois contingentes populacionais estabeleceram laços entre si e tiveram seus filhos, netos e bisnetos. Esses são os entrevistados na nossa pesquisa.

2.3 - Ser vargeiro

Nas comunidades ribeirinhas do Amazonas a principal unidade econômica é a casa, ao redor da qual se desenvolvem as atividades que mais geram renda para a população local. A mão de obra é realizada pelo próprio núcleo familiar e a divisão do trabalho é definida de acordo com o sexo e com a idade.

De acordo com Lima (s/d), a renda monetária na região resulta da agricultura, da venda de peixes e de madeiras, dos salários de algumas poucas pessoas e das aposentadorias rurais. Mas nas nossas entrevistas detectamos que atualmente os auxílios governamentais, como a bolsa família e a bolsa floresta, também fazem parte das fontes de renda da população.

Em tese, a economia doméstica que orienta o consumo nas comunidades pode ser dividida em dois tipos: o consumo de itens que são produzidos pelo próprio grupo e o consumo de artigos que são adquiridos, graças às poucas fontes de renda citadas acima. Mesmo que escassos, esses recursos financeiros permitem a aquisição de bens duráveis como panelas, fogões, freezer, televisão, e até mesmo motor (rabeta) para o barco ou um pequeno gerador doméstico, utilizado conforme a necessidade e possibilidade.

Nas RDS Mamirauá e Amanã o movimento das águas é que define o cotidiano das pessoas, em especial o calendário da produção. Na época das cheias a subida do nível do rio desmancha as roças e a economia passa a girar em torno do que se conseguiu economizar, dos salários, dos auxílios governamentais e da derrubada de



madeira. A renda chega a cair até 75%. Algumas famílias tentam acumular parte da produção, principalmente de farinha, para deixar reservada a esta época do ano. A pesca é tida como uma alternativa de auto-sustentação e também de algumas venda em centros regionais.

A produção não pode ser planejada com segurança, pois as condições ambientais tanto podem favorecer quanto prejudicar. A agricultura é limitada pela altura do terreno e a disponibilidade de mão de obra (familiar, comunitária) para fazer a rápida colheita antes da alagação. A madeira depende das cheias para ser possível se chegar até o local onde as toras ficam preparadas para o transporte. A pesca é prejudicada após os períodos de enchentes fracas, pois os lagos precisam das cheias para serem repovoados de peixe. O reflexo desse ambiente é uma luta constante onde o futuro e o meio de sobrevivência são incertos, dependentes das condições sazonais.

2.4 - Religião

É forte a religiosidade dos moradores das comunidades ribeirinhas, que em sua grande parte são evangélicos. Muitos moradores assistem a programação religiosa da TV, principalmente a exibida pela Rede Record, da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), ou DVDs de músicas e filmes evangélicos.

No Brasil, nos últimos anos houve um crescimento da diversidade religiosa. Até 1980 o perfil religioso do Brasil era dominado pela Igreja Católica. A partir de então, no entanto, até o recenseamento demográfico realizado em 2000, os católicos perderam 9,4 pontos percentuais. Ao contrário, os evangélicos cresceram 6,6 pontos, sendo os pentecostais o principal motor dessa transformação (JACOB, 2004).

Mas apesar de a diversificação religiosa no Brasil ter acontecido essencialmente nas últimas três décadas, em algumas regiões ela já existia. Em 1980, os evangélicos representavam 17,2% da população de Rondônia, números bem mais elevados do que a média nacional. Observa-se um fenômeno parecido, ainda que atenuado, no Acre, Amazonas, Pará, Amapá e Mato Grosso. Assim, a Amazônia aparece como uma das regiões precoces da diversificação religiosa no país (JACOB, 2004).

Alguns fatores podem contribuir para isso. De todas as regiões do Brasil, o Norte apresenta o maior índice de população por paróquia da Igreja Católica. São 25,4 pessoas para cada paróquia. É quase o dobro do índice da região Sul, por exemplo, que é de 14,6 (PITTA e FERNANDES, 2003). Isso reforça um dado levantado nas entrevistas junto



aos ribeirinhos, de que os padres católicos não se fixam na região, enquanto os pastores evangélicos sim, fato que ajuda a explicar a forte presença dos pentecostais no Norte.

Outro fator pode ser a proximidade do pentecostalismo com a religiosidade popular brasileira. De acordo com Ricardo Mariano (2008), ambas consistem na crença em Jesus, milagres, mitos bíblicos, demônios, pecados, curas e intervenções sobrenaturais. O mesmo autor ainda diz que a exploração de certas questões sociais, pertencentes no contexto de vida dos ribeirinhos, podem explicar o avanço pentecostal.

[...] os altos índices de pobreza, desemprego, desigualdade social, criminalidade, violência, precariedade e informalidade no mercado de trabalho tornam o Brasil terreno extremamente fértil para a prédica pentecostal. [...] Mas seu sucesso proselitista não depende da existência de tais problemas em si mesmos, e, sim, justamente de sua elevada capacidade de explorá-los, oferecendo recursos simbólicos e comunitários para seus fiéis e potenciais adeptos lidarem com eles (MARIANO, 2008, p.4).

Junto com o crescimento pentecostal no Brasil, ocorreu também o crescimento de veículos de comunicação ligados às religiões, como é o caso da Rede Record. Outros dos canais abertos de televisão que exibem programas evangélicos são a Bandeirantes e a Rede TV.

A Assembléia de Deus, igreja mais comentada entre os nossos entrevistados, também possui um canal de TV, a Rede Boas Novas (RBN). Com sede no Rio de Janeiro e geradoras em Manaus (AM) e Belém (PA), a Boas Novas está presente em 20 capitais, transmitindo seu sinal para mais de 100 cidades do Brasil e via satélite para os EUA, parte da Europa e África (MALHEIROS, 2008). Apesar desse sinal não chegar a todos os locais da Amazônia – é mais centrado nas capitais – a sua existência revela que a Assembléia de Deus segue a tendência de possuir um canal religioso de TV.

3 Metodologia

As 10 entrevistas analisadas abrangem 16 moradores, entrevistados basicamente de duas formas: em cada comunidade se escolheram informantes-chave, aqueles moradores mais velhos ou que viviam há mais tempo no local, ouvidos quase sempre individualmente; de outro lado, foram entrevistados também moradores de sexo e faixas etárias diferentes, mas, estes, quase sempre em situação de grupo (com a esposa/marido, pais, filhos, etc.).

Estão relacionados abaixo os entrevistados (identificados apenas pelas iniciais), que, quando não é indicado de outra maneira, trabalham com agricultura e pesca. No



entanto, mesmo quem tem outra atividade quase sempre possui também ao menos uma roça para fabricação de farinha de mandioca e colheita de alguns outros produtos.

- Na comunidade do **Canariá**: F.M., 56 anos, evangélica, ex-doméstica na cidade de Tefé, onde morou após a morte do primeiro marido; F.P., 22 anos, evangélico, marido de F.M., ex-trabalhador braçal em Tefé; R., 46 anos, evangélica; A., 66 anos, evangélica, faz balaios, paneiras e tipitis; M.S., 36 anos, pastor evangélico, ex-vendedor; J.L., 40 anos, mulher do pastor, técnica de enfermagem; A.M., 32 anos, evangélica, comerciante; N.C., 36 anos, evangélica, marido de A.M., comerciante; A.C., 14 anos, filha de A.M. e N.C., evangélica, estudante.

- Na comunidade da **Boca do Mamirauá**: N., 68 anos, católica, faz colares e brincos; D., bisneta de N.

- Na comunidade de **Nova Olinda**: Al., professora; D.S., 59 anos.

- Na comunidade de **Boa Esperança**: A.S., 53 anos; D., professora; A., professor, marido de D.

As entrevistas foram guiadas por um roteiro semi-estruturado, que não deixava que informações primordiais fossem esquecidas, mas também permitia que o entrevistador acrescentasse outros assuntos ou perguntas. As únicas alterações eram no roteiro dos informantes-chave, tendo em vista que os ribeirinhos mais antigos possuem uma memória diferenciada em relação à história de sua comunidade.

Os principais temas desenvolvidos nas entrevistas foram:

- a relação com o trabalho, com as RDS, com outros locais onde viveu: o que faz, o que já fez na vida, o que gostaria de fazer, como vêm a vida nas cidades e nas RDS.

- o cotidiano da comunidade: como era antes da chegada da energia elétrica/televisão, e como ficou depois, a organização comunitária para manutenção do gerador, as fontes de informações de seu interesse.

- o cotidiano da família: a importância da TV/DVD, as formas de assisti-la (em casa, no vizinho, etc), as eventuais mudanças após a chegada da TV/DVD, a escolha dos programas, os programas preferidos (ou não), a relação dos programas/TV com a vida da família, quais programa os moradores gostariam de ver / de participar da produção.

Que programas assistem os ribeirinhos? De tudo um pouco: noticiários, novelas, filmes, variedades, seriados, reality show, além de ouvir rádio. Mas, além de saber o que assistem, que valores os moradores dessas comunidades atribuem a tais programas?

Para tentar responder a essas perguntas, procedemos da seguinte maneira: todas as entrevistas foram transcritas; a análise desses documentos conduziu à construção de



tabelas. Cada tabela contém nove categorias, que diz respeito aos programas televisivos citados nas entrevistas: jornal, novela, filme, filme em DVD, música em DVD, variedades (futebol, programas de entretenimento ou de auditório etc.), seriado, reality show e rádio. Em cada categoria buscou-se identificar o nome ou tipo do programa; os valores que ele atribui à categoria; e apresentaram-se exemplos desses valores com as falas dos entrevistados. Foi produzida uma tabela por entrevistado, e, devido às diferenças de resposta, não se buscou preencher cada uma por completo, mas sim a partir daquelas categorias e valores que cada entrevistado expressou.

Posteriormente esses dados foram quantificados. Como nem todos os entrevistados falaram de todas as categorias, os percentuais foram calculados sobre o total de comentários feitos para a categoria, e não sobre o total de entrevistados.

Buscamos seguir uma perspectiva quali-quantitativa, ou seja, a utilização tanto de dados obtidos a partir da percepção dos principais pontos abordados pelos entrevistados como também de dados numéricos retirados a partir da quantificação dos dados obtidos. Laurence Bardin (2008) afirma que em um primeiro momento deve ser feita uma análise documental:

Enquanto tratamento da informação contida nos documentos acumulados, a análise documental tem por objetivo dar forma conveniente e representar de outro modo essa informação, por intermédio de procedimentos de transformação. O propósito a atingir é o armazenamento sobre uma forma variável e a facilitação do acesso ao observador, de tal forma que este obtenha o máximo de informação (aspectos quantitativos), com o máximo de pertinência (aspectos qualitativos). A análise documental é, portanto, uma fase preliminar de um serviço de documentação ou de um banco de dados (BARDIN, 2008, p.47).

Enquanto a análise documental buscou a representação condensada da informação, através da transcrição das entrevistas e da montagem das tabelas, num segundo momento a análise de conteúdo centrou-se num estudo mais qualitativo para inferir sobre outra realidade que não a superficial contida nas mensagens documentadas.

Por definição, a análise de conteúdo pode ser compreendida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, com a qual um investigador busca obter, por procedimentos sistemáticos e descrição do conteúdo das mensagens, indicadores e inferências de conhecimento relativo às condições de produção dessas mensagens.

A análise de conteúdo possui atualmente alguns fundamentos: orientação fundamentalmente empírica, exploratória, vinculada a fenômenos reais; transcendência das noções normais de conteúdo, envolvendo as ideias de mensagem, canal, comunicação e sistema; metodologia própria, que permite ao investigador programar,



comunicar e avaliar criticamente um projeto de pesquisa com independência de resultados (Krippendorff, apud DUARTE e BARROS, 2009, p.286).

Uma das principais intenções da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores quantitativos ou não (BARDIN, 2008, p.40). Essa inferência pode ser de dois tipos. Segundo Bardin (2008) ela pode ser realizada a partir da procedência (o emissor e a situação na qual ele se encontra) ou a partir do destinatário da comunicação. Esta pesquisa abordou o último tipo ao tentar explicar quem são e como vivem os moradores das comunidades ribeirinhas e ao inferir sobre os valores que eles atribuem aos programas.

Vale frisar que os procedimentos da análise de conteúdo podem ser bastante diferentes e não se findam com os primeiros estudos do analista. Pelo contrário, como diz Bardin (2008, p.34), “quanto mais o código se torna complexo, ou instável, ou mal explorado, maior terá de ser o esforço do analista, no sentido de inovação com vistas à elaboração de técnicas novas”.

Nessas concepções metodológicas é que nos embasamos para estudar a recepção televisiva nas comunidades ribeirinhas das RDS Mamirauá e Amanã, no AM.

4 Interpretação

As categorias mais comentadas entre os dezesseis entrevistados foram “Novela”, citada em 12 entrevistas, e “Jornal”, citado em 11 entrevistas. E os valores atribuídos a essas duas categorias contribuem para a visão que a população tem dos programas televisivos. Veja o número de vezes que cada categoria foi citada e os valores atribuídos as mesmas nas tabelas apresentadas ao final das interpretações.

Mais da metade dos entrevistados disseram gostar de jornal e o principal fator para isso está associado à aquisição de informações. Mesmo que o conteúdo jornalístico dos jornais que eles disseram assistir (veiculados nas redes Globo, Record e SBT) não esteja próximo da realidade dos mesmos, a importância de ficar informado parece ser relevante. Com falas que dizem que o jornal é importante para ficarem sabendo o que acontece no mundo ou em outras cidades e que mostram coisas que eles podem aprender, os moradores justificam a preferência por este programa. Apesar disso foram poucos os que conseguiram lembrar-se de um fato que eles assistiram ou identificar algum assunto veiculado que se relacionava com a própria vida.



“Que às vezes acontece uma coisa assim com o pessoal que está passando e, às vezes, pra pessoa que entende fica até o exemplo de tá apanhando aquelas coisa que acontece lá, né! (N., 68 anos)

“Eu gostava de assistir jornal pra saber o que tava acontecendo no Brasil e no mundo, né! Pra gente fica atualizado” (N.C., 36 anos)

“Porque é que fala mais coisa que nós tem que aprender, entender” (F.P., 22 anos)

As notícias sobre a região e que dizem respeito à realidade das comunidades são recebidas pelo rádio, considerado um meio de informação local por 85,7% dos entrevistados que comentaram a categoria.

“(*Entrevistador* Como é que vocês ficam sabendo das coisas mais locais?) Pelo rádio, né (A.C., 14 anos)

“A gente liga também um aparelhinho, que a gente liga pra escutar a radio de Alvarães... Talvez tem algum exame, ou aviso que é pra cá mesmo...pra nossa comunidade” (R., 46 anos)

Quanto à novela, o percentual de pessoas que disseram espontaneamente gostar ou não gostar foi idêntico (33,3%). O que mais foi comentado sobre a categoria foi a má influência (41,6%) relacionada à violência, traição entre os casais, sexualismo, conduta entre os jovens, falcatruas, ambição, preconceitos, dentre outros.

As falas e os valores dos entrevistados sobre novela representam certo conservadorismo na visão de mundo ou conduta de vida. Conservadorismo que pode estar vinculado à vida distante dos grandes centros urbanos e a herança cultural cabocla e nordestina, povos que guardam valores conservadores. De certa forma, ao prezar a informação e repudiar outros valores, eles mantêm firme a tradição cultural. Os filmes também seguem essa mesma lógica, não sendo um dos programas preferidos. Quase metade (42,8%) dos entrevistados disseram não gostar de filmes e 28,5% os consideraram uma má influência, por motivos iguais ou parecidos com os das novelas.

“A mulher já tá com o marido dela, mas vai com outro pra ali, fica parecendo assim, né! Isso aí é coisa que não interessa a gente ver” (N., 68 anos)

“Porque novela... aquelas mulheres ficam assim peladas, eu não gosto que os meninos assintam né!” (R., 46 anos)

“eu nunca vi uma novela que tivesse bom proveito nela não, mal criação com os pais é demais na novela. Isso eu tenho até que dizer, porque novela só ensina coisa que num presta” (D.S., 59 anos)



“não posso afirmar se houve desistência, mas havia sim a questão do aluno faltar um dia de aula ou um tempo de aula por questão de um programa que ele queria assistir, principalmente a novela” (D.)

“Eles perguntam: mamãe é verdade aquilo? Eu respondo: não é não, meu filho, não é verdade. Não é pra acreditar porque não é verdade não. Eles não estão se transformando que nem bicho. É o computador que faz eles ficarem daquele jeito” (A.M, 32 anos)

Ainda sobre a novela, foi possível perceber uma forte preocupação quanto à influência causada nos mais jovens. Os professores e algumas mães, por exemplo, relataram que muitas crianças que assistiam a novela “Mutantes”, da TV Record, começaram a imitar os personagens da trama, fingindo serem bichos, mordendo e beliscando os colegas. Mas essa influência não é atribuída apenas às novelas, e sim a TV de modo geral. Nas falas, os moradores relatam que, com a chegada da televisão, os jovens estão menos obedientes e mais violentos. Em certas situações, a TV foi citada, inclusive, como motivo para evasão escolar, fato por eles associados à novidade que a televisão representou nas comunidades.

As categorias “Filme/DVD” (citado oito vezes) e “Música/DVD” (quatro vezes) apontam para o uso do DVD, além do da televisão. O DVD apareceu como uma alternativa de diversão quando, por algum motivo, a família fica impossibilitada do uso da parabólica e não recebe o sinal televisivo. Mas seu principal uso é de cunho religioso. Entre os entrevistados, 75% dos que comentaram a categoria disseram usar o aparelho para fins religiosos. A religião ainda é forte no discurso dos ribeirinhos se pensarmos na crítica que eles fazem através dos valores conservadores comentados acima e também no fato de muitos declararem assistirem a TV Record, ligada à IURD.

“porque a televisão ela tem todas as coisa boas. Tem a parte do horário evangélico, né! Tem outras partes, porque aí a pessoa só assiste o mal se quiser” (F.M., 56 anos)

“Essa noite, essa minha morena que foi pra ai, ela assistiu um filme e chegou aqui dizendo: mamãe! O canal dos crentes esta muito bonito ai! Ela disse: mamãe a senhora sabia que tem um pregador da palavra de Deus ali! Que foi lá no presídio mamãe!” (R., 46 anos)

“O DVD você acompanha muitas coisas de evangélicos e a pessoa quando segue o caminho que Deus está enviando para ele, ele tem mais muita vida pela frente” (R., 46 anos)

Outro ponto interessante identificado com a pesquisa foi a diferença de valores entre os que têm um nível de escolaridade e de conhecimento maiores (professores, o



pastor e a técnica em enfermagem) e os que não têm. Os professores, por exemplo, citaram a Minissérie JK, o jornal e os programas humorísticos Toma Lá Dá Cá e Sai de Baixo como ferramenta de aprendizado ou forma de exemplos para os alunos estudarem. O pastor e a técnica em enfermagem disseram gostar de documentários, pois eles tinham algo a acrescentar às suas vidas, diferente das novelas. Esses relatos mostram que é possível utilizar a TV de uma maneira positiva como forma de crescimento pessoal nas populações ribeirinhas da Amazônia.

“Aí para eles saberem o quê que é, foi os exemplos, aí eu citei teatro de palco, é “Sai de Baixo” que acontece isso, é programa ao vivo, com platéia assistindo. Então isso foi a televisão que me deu suporte. Então ela acabou influenciando bastante, o que ajudou eles entenderem direitinho” (D.)

“A gente pegou a história de Juscelino Kubitschek contada na mini série JK [...] era o período que estava passando a mini série e em história a gente sempre está revivendo esses momentos da história do Brasil” (A.)

“Num documentário eu aprendo alguma coisa e enriqueço o meu conhecimento, no jornal também né” (M.S., 36 anos)

Na categoria “Variedades” foram citados diversos programas, como desenhos animados, Fantástico, Sílvio Santos, Faustão, programas humorísticos e também religiosos. Mas o campeão de comentários foi o futebol, que apareceu em 63,6% das entrevistas, e de uma maneira peculiar. Dentre todos, ninguém declarou torcer para um time da Região Norte. Os times de preferência citados foram o Brasil (alguns não faziam a distinção entre clubes e seleção de futebol), ou times da Região Sudeste, ou os dois. Se levarmos em conta que a maioria dos jogos transmitidos pelos canais abertos, via parabólica, são justamente da Região Sul e Sudeste, podemos inferir que a televisão é um fator de influência na escolha do time para o qual os moradores torcem e pode, conseqüentemente, influir também em outras situações. Ao mesmo tempo, esse fato pode ter relação com vida na várzea, longe dos centros urbanos. Talvez por não ter tanto contato com os times do Norte - região em que vivem - não torçam para os mesmos.

As categorias “Reality Show” e “Seriado” quase não foram comentadas. Apenas dois professores citaram dois seriados (CSI Miami e a Minissérie JK) e um entrevistado comentou gostar e achar divertido o reality show “A Fazenda”, da TV Record, programa que ela considerou como novela e não como reality show.



Tabela 1 - Quantidade de entrevistas em que aparece as categorias

Jornal (11 vezes)	Filme/DVD (8 vezes)	Música/DVD (4 vezes)
Variedade (11 vezes)	Seriado (2 vezes)	Filme (7 vezes)
Reality Show (1 vez)	Novela (12 vezes)	Rádio (7 vezes)

Tabela 2 - Percentual dos valores atribuídos

Jornal	Filme	Filme/DVD
Informativo: 63,6%	Não Gosta: 42,8%	Gosta: 62,5%
Gosta – 54,5%	Má influência: 28,5%	Diversão: 50%
Aprendizado: 27,2%	Gosta: 14,2%	Alternativa: 25%
Positivo: 27,2%	Aprendizado: 14,2%	Não gosta: 25%
Violência: 18,1%	Alternativa: 14,2%	Aprendizado: 12,5%
Curiosidade: 9%	Violento: 14,2%	Violência: 12,5%
Exemplo: 9%	Sofrimento: 14,2%	Exemplo: 12,5%
		Aprendizado: 12,5%
Novela	Variedades	Música/DVD
Má Influência: 41,6%	Gosta: 54,5%	Gosta: 100%
Não gosta: 33,3%	Positivo: 27,2%	Diversão 25%
Gosta: 33,3%	Aprendizado: 18,1%	Rádio
Realidade: 25%	Não gosta: 18,1%	Informativo: 85,7%
Imaginação: 16,6%	Desinteressante: 18,1%	Gosta: 14,2%
Realidade Social: 16,6%	Diversão: 9%	Alternativa: 14,2%
Influência: 8,3%	Má influência: 9%	Diversão: 14,2%
Diversão: 8,3%	Exemplo: 9%	Seriado
Medo: 8,3%	Influência Positiva: 9%	Gosta: 50%
Influência Espiritual: 8,3%	Engraçado: 9%	Aprendizado: 50%
Fascínio: 8,3%	Reality Show	Exemplo: 50%
	Gosta: 100%	
	Diversão: 100%	

5 Considerações finais

A partir de todo o estudo realizado foi possível conhecer melhor os moradores ribeirinhos das comunidades em Mimirauá e Amanã e entender as preferências e a importância da televisão na vida de pessoas com características tão particulares. Desde o início é interessante notar que a maioria dos entrevistados tem o aparelho de televisão em casa e podem, portanto, escolher quais os canais e programas desejam assistir. Ainda assim, ficou claro que a programação por eles comentada é encontrada nas grandes redes televisivas de comunicação, que quase sempre apresentam um conteúdo distante da realidade dos mesmos. Se por um lado é fato que existem poucos programas sobre temas como ecologia, documentários, agricultura ou outros assuntos relacionados aos modos de vida das comunidades, estes foram citados pouquíssimas vezes, associados ao conteúdo jornalístico ou ao Globo Repórter, da TV Globo.

O jornal, pelo menos de acordo com essa primeira metodologia, foi a parte da programação da TV que recebeu os melhores valores atribuídos pelos entrevistados, que frisaram a importância de ter acesso a informação. Em contrapartida, a novela foi



considerada pela maioria uma má influência relacionada a alguns valores como violência ou mudança na conduta de vida. Apesar disso, bom ou ruim, esses dois programas são os mais assistidos entre os moradores. É através deles que os ribeirinhos recebem informação, entretenimento, ensinamentos, cultura.

Ao condenar na TV a veiculação de valores como sexualismo, traição entre casais, a ambição, dentre outros, os ribeirinhos reforçam a cultura conservadora de seus antepassados e revelaram certo poder de crítica através da capacidade de julgar o conteúdo que está diante de seus olhos. Apesar da precariedade das condições de vida em geral, os moradores mostraram não ser receptores passivos a tudo que lhes é exibido por meio da TV. Pelo contrário, escolhem e formam opinião sobre o que assistem.

A religião, em especial o pentecostalismo, mostrou-se forte entre os moradores, que através do aparelho de DVD ou de canais religiosos acompanham a tendência evangélica de usar mecanismos audiovisuais como aparato para a fé.

Valores associados à influência da TV e sua relação com a mudança na conduta entre os jovens, evasão escolar e violência mostram a importância da TV na vida dos ribeirinhos, que rejeitam, preferem, imitam ou são atraídos pela televisão. Mas ela não foi recebida da mesma forma por todos os moradores. Alguns apontaram outro uso da TV, indicando programas diferenciados em relação aos demais entrevistados.

Por fim, é interessante dizer algo mais sobre a presença da televisão entre os ribeirinhos. Apesar da pouca proximidade entre o conteúdo exibido e os modos de vida dos mesmos, eles assistem e gostam da televisão. Muitos tiram do próprio bolso, do pouco que recebem, para comprar o diesel - que na região custa em média de três a quatro reais o litro - que faz o motor de luz funcionar. Depois da TV a vida nas comunidades mudou, fato comentado na maioria das entrevistas. Resta agora saber como foi essa mudança, bem como o seu impacto nas reservas e nas vidas dos moradores do Mamirauá e Amanã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBERO, Jesús Martín. **América Latina e os Anos Recentes**: o estudo da recepção em comunicação social, In: SOUSA, Mauro Wilton de (org.). **Sujeito**: o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense/ ECA -USP, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza - SNUC. Brasília, DF: MMA, 2000. 32p.



DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

FIGUEIREDO, Thiago Antônio; NILSONETTE, Marco. "**Ligado no Mamirauá**" uma Ferramenta para a Conservação e para Desenvolvimento Local. Uakari, Belém, v.3, n.1, p.78-87, jun. 2007.

FIGUEIREDO, Thiago Antônio; NILSONETTE, Marco. **Rede Ribeirinha de Comunicação**: estratégia de gestão participativa em unidades de conservação de uso sustentável. Inovcom - Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação, v.2, n.2, p.9-17, 2007.

FIGUEIREDO, Thiago Antônio. **A Voz da Selva**: Comunicação para o Desenvolvimento. Dissertação (Mestrado em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia) – Núcleo de Meio Ambiente, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

FIGUEIROA, Ana Cláudia. **Presença religiosa na Amazônia**. 2002. Publicado em: http://www.amazonia2002.de/Porto_Velho/Ana_Claudia_Figueroa/Presenca/presenca.html. Acessado em: 12/12/2010.

FERNANDES, Sílvia; PITTA, Marcelo. **Presença da Igreja na Amazônia**. 2003. Publicado em: http://www.amazonianet.org.br/index.php?system=news&news_id=243&action=read. Acessado em: 12/12/2010.

LIMA, Deborah de Magalhães. **A Economia Doméstica em Mamirauá**. Tefé : Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá - IDSM [relatório; s/d]

LIMA, Deborah. **A construção histórica do termo caboclo**. Sobre estruturas e representações sociais no meio rural Amazônico. Novos Cadernos do Naea, V.2, N.2, 1999.

JACOB, César Romero. **A diversificação religiosa**. Estud.av. vol.18 no.52 São Paulo Sept./Dec. 2004. Publicado em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a02v1852.pdf>. Acessado em: 12/12/2010.

MARIANO, Ricardo. **Crescimento Pentecostal no Brasil**: fatores internos. Revista de Estudos da religião. Dezembro, 2008. p. 68-95. Publicado em: http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf. Acessado em: 12/12/2010.

MALHEIROS, Celso A. **Religião e TV**: um estudo de programas neopentecostais. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2008.

OROZCO-GOMES, Guillermo. *Del acto al proceso de ver televisión; una aproximación epistemológica. Recepción Televisiva; tres aproximaciones y una razón para su estudio*. Cuadernos de Comunicación y Practicas Sociales, n.º 2. México, Universidad Iberoamericana, 1991.

SIGNATES, Luiz. **Estudo sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos de comunicação**. In Recepção mediática e espaços públicos: novos olhares. São Paulo: Paulinas, 2006.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ. **Objetivos Institucionais**. Publicado em: www.mamiraua.org.br/pagina.aspx?cod=144&xcod=2. Acessado em 14/03/2011.